

Pós-Graduação em Filosofia
Universidade Federal de Pernambuco

Seminário de Ontologia e Linguagem III

Da poesia à filosofia: surgimento da ontologia como desejo de conhecer.

Prof. Dr. Anastácio B Araujo Junior (UFPE) Disciplina Eletiva 30 horas
3as. Feiras das 9h00 às 12h00 Assíncrono 9h00-10h30 Síncrono 10h30-12h00
Período de 30/03/2021 até 01/06/2021

Ementa: Ao tratarmos da origem da filosofia, em geral, acreditamos que antes do surgimento da razão (λόγος), havia a poesia e religião gregas com suas narrativas de origem (μῦθοι), plenas de potências divinas, performadas pelos aedos e rapsodos. Logo em seguida, surgiriam os primeiros investigadores da natureza (φύσις) tentando explicar a ordem das coisas (κόσμος) a partir de princípios (ἀρχαί) plausíveis. Entretanto, logo vimos que esse esquema era muito simplório e que os acontecimentos que remotam à origem da filosofia são bem mais complexos (Vidal-Naquet, Detienne, Jean-Pierre Vernant, Giorgio Colli entre outros). Não é possível, de um lado, atribuir ao mito a irracionalidade e a fantasia e do outro, conceder racionalidade lógica e verdade ao pensamento filosófico. Ao contrário, parecem que racionalidade e irracionalidade são conceitos tão solidários que estão presentes tanto na poesia quanto na filosofia. Se observarmos, um pouco mais de perto a poesia grega, através dos escritos que nos chegaram dela, veremos o quanto ela está presente na filosofia nascente, de modo que podemos compreender que a filosofia surge como uma outra forma de poesia entre os vários gêneros de poesia, isto é, um outro discurso orientado pelo e para o saber entre tantos discursos poéticos, alguns mais ou menos sapienciais. Quer dizer, a filosofia surge em contínuo diálogo com a poesia grega e, pouco a pouco, tentará marcar sua singularidade, sua diferença, vindo a ser e nutrindo-se desse mesmo manancial poético e de si mesma, como discurso contituído, e dos seus avanços. Observando nascimento da filosofia por essa perspectiva, veremos como Anaximandro, na suposta escola de Mileto, já rompe com a lógica dos elementos naturais como a água (Tales) e o ar (Anaxímenes), e recorre ao inexperienciável (ἄπειρος) como princípio de todo nascer e destino de todo morrer. Observaremos em Xenófanés uma espécie de rapsodo que, além cantar poesia, critica o antropomorfismo dos poemas homéricos, tornando-se, nesse sentido, único e inaugural. Encontraremos no poema de Parmênides, um jovem, cujo ímpeto o afasta das coisas humanas em direção à luz (εἰς φάος) onde é acolhido pela inominada deusa (θεὰ) e instruído

acerca de tudo, isto é, da verdade persuasiva sobre o que é e das opiniões dos mortais onde não podemos confiar. Poderemos, então, examinar Heráclito e seus jogos de linguagem, a indicar que a filosofia não é outra coisa senão estar atento ao que se mostra e é de difícil decifração, pois tudo que é transforma-se no seu contrário. Por fim, além da retórica em Górgias que absorve as figuras de linguagem poéticas como instrumentos de persuasão, poderemos, então, constatar que Platão, através de seus diálogos, e Aristóteles, tal como escreve nos seus tratados, não são outra coisa senão imitações (μίμησις) de discussões imaginárias ou imitações do ruminar argumentativo do pensamento, nos quais se mostram a ação a dialética investigativa, a atividade do diálogo interior do pensamento, examinando os seus limites, seus problemas, tentando estabelecer suas leis próprias, suas aporias, transformando a essa própria atividade em filosofia, estabelecendo a retórica filosófica que busca persuadir os humanos sensíveis ao investigar. Assim, propomos nesse curso de ontologia, acompanhar o surgimento da ontologia grega a partir da poética, gostaríamos, então, de examinar e mostrar como a própria filosofia é filha das musas, concebida e nascida num rico contexto poético no qual o humano ousou desejar a verdade, a partir de si mesmo. Entretanto, em todo esse processo de constituição de si mesma, e quase sem perceber, a filosofia foi modificando a sua concepção de verdade (ἀλήθεια), passando de um contexto de ambiguidade e de oposição para um contexto de contradição, no qual os opostos não poderiam e nem deveriam mais conviver. Ou seja, nesse processo, tentaremos ver que a verdade que surge num ambiente poético ambivalente de multiplas vozes e incertezas, em oposição ao esquecimento, tornar-se-a verdade divina em oposição à doxa dos mortais, até que se projetará numa verdade desejável, verdade, esta sim, epistêmica e imutável, em oposição ao falso que revelará uma lógica de contradição e de exclusão.